

A LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O USO DE MÍDIAS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM¹

Marceli Santos Ferreira²
Dr^a Michele Kapp Trevisan³

RESUMO

O presente artigo mostra resultados referentes à pesquisa sobre a leitura de histórias em quadrinhos como sendo uma contribuição significativa para o uso de mídias no processo de ensino aprendizagem. Serão apresentadas reflexões a respeito da leitura, dos gêneros do discurso e dos gêneros textuais; os aspectos a serem considerados para motivar os alunos a interessar-se mais pela mesma como forma de aquisição de conhecimento e o desenvolvimento da percepção cognitiva sobre temas e assuntos de seu cotidiano. O objetivo desse artigo é promover a possibilidade de incluir o uso de mídias (*internet/computador*), utilizando as histórias em quadrinhos existentes na rede mundial de computadores bem como *softwares* disponíveis para trabalhar com as mesmas, a fim de promover um processo de ensino aprendizagem mais eficaz. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura sobre esse assunto, pesquisa a respeito de histórias em quadrinhos e sua utilização na sala de aula, além da coleta de dados. A conclusão que se pode chegar ao final deste estudo é que há possibilidade de motivar e sensibilizar aqueles que não dão a devida importância à leitura como forma de promover a cidadania e melhorar a perspectiva de vida de cada indivíduo.

ABSTRACT

This article shows the results of research on reading comic books as a significant contribution to the use of media in teaching learning process. We will present reflections on the reading of the speech genres and text types, aspects to be considered to motivate students to be more interested in the same way as knowledge acquisition and development of cognitive perception of issues and subjects that everyday lives. The aim of this paper is to promote the possibility of including the use of media (*internet / computer*) using the comics world in the network of computers and software available to work with them, in order to promote a process of teaching and learning more effective. The methodology used was a review of literature on this subject, research about comics and their use in the classroom, in addition to data collection. The conclusion one can reach the end of this study is that it is possible to motivate and sensitize those who do not give due importance to reading in order to promote citizenship and improve the prospect of life of every individual.

Palavras-chave: quadrinhos; leitura; mídias; linguagem; comunicação.

Keywords: comics; reading; media; language; communication.

1 INTRODUÇÃO

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professora Orientadora, Doutora em Comunicação Social – PUCRS

O presente artigo traz um estudo referente à utilização de histórias em quadrinhos existentes na rede mundial de computadores como forma de motivar os estudantes a ler mais e saber interpretar o que estão lendo. Este estudo surgiu com a finalidade de contribuir para a motivação a leitura de diversos gêneros literários bem como desenvolver o senso crítico e a interpretação dos mesmos, além de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, pretende-se mostrar que trabalhar com as histórias em quadrinhos em sala de aula pode ajudar a desenvolver a habilidade de interpretação assim como exercitar a capacidade de relacionar o que está sendo lido com a realidade em que se vive.

O desenvolvimento deste estudo será realizado por meio de pesquisa bibliográfica, que é compreendida como pesquisa de diferentes fontes impressas e presentes na *internet*, para levantamento de dados relacionados ao tema. Será feito um estudo de material literário, produção de textos, pesquisas em *sites*, etc. Também serão incluídas as observações e colocações fornecidas pela orientação da atividade, para que o objetivo geral do presente trabalho seja atingido, sendo necessário avaliar qualitativa e quantitativamente os passos do processo em elaboração.

Primeiramente serão feitas definições sobre as Histórias em Quadrinhos, ou HQs como popularmente são conhecidas, os elementos que elas utilizam para haver a comunicação com o seu receptor (o leitor). Para isso é necessário definir para qual público as HQs serão destinadas, assim o autor pode fazer uso de recursos para facilitar a compreensão das mesmas. As HQs também são definidas como gênero do discurso uma vez que utilizam elementos comunicativos presentes na oralidade para interagir com seus leitores. Além da intenção comunicativa, as HQs possuem uma história bastante conturbada na sociedade, pois, até pouco tempo atrás, elas eram vistas como leitura para entretenimento e pouco atrativa para utilização em sala de aula; mas hoje elas são vistas de outra forma pelo Governo Federal, que as introduziu na prática pedagógica através da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96), dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), dos PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) e PNBEM (Programa Nacional Biblioteca na Escola para o Ensino Médio).

Pode-se dizer que elas passaram por um processo muito longo, iniciando como simples mensagens expressas através de desenhos impressos em jornais para chegar ao que conhecemos como Histórias em Quadrinhos *Online*, ou seja, as que podem ser lidas através da rede mundial de computadores, a *Internet*. Para compreender melhor o tema proposto e obter resultados concretos sobre o assunto foi feita a leitura de uma HQ da Turma da Mônica que falava sobre a Nova Ortografia, um dos conteúdos que professores de Língua Portuguesa

devem desenvolver com seus alunos para que os mesmos possam acompanhar as mudanças causadas pelo Novo Acordo Ortográfico firmado pelos países que possuem o português como língua padrão. Feito isso os resultados foram comprovados através de provas realizadas com trinta e seis alunos das duas turmas de 6º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Pacicco de Freitas, localizada no município de Cachoeira do Sul; onde se leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

No livro de Cereja (2009) os quadrinhos são definidos como uma forma de linguagem que usa desenhos para narrar um caso ou um episódio qualquer. Sempre que duas imagens são desenhadas uma após a outra, criando uma sucessão de quadros, uma sequência gráfica, trata-se de uma história em quadrinhos. É exatamente por isso que os quadrinhos ficam conhecidos como arte sequencial. Ao contrário dos desenhos animados, em que as figuras são fotografadas para dar agilidade aos personagens, nos quadrinhos, o que faz movimentar as figuras a cada episódio é a nossa leitura, a nossa imaginação.

2.1 DEFINIÇÕES

De acordo com Cirne (2000, p. 23 e 24) “quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Pode-se dizer que o Quadrinho é um gênero misto, no qual predomina a tipologia textual narrativa, além disso, apresentam sequências características de outros tipos textuais como a argumentação, a injunção e a exposição. Neste sentido, é que os gêneros textuais não são classificados apenas a partir da tipologia textual que apresentam, mas sim, porque sua categorização baseia-se nos objetivos comunicativos predominantes e também nas circunstâncias de produção.

Segundo Mendonça, os quadrinhos apresentam:

[...] relações entre as semioses envolvidas – verbal e não verbal – os quadrinhos revelam-se um material riquíssimo, pois, na co-construção de sentido que caracteriza o processo de leitura, texto e desenhos desempenham papel central. Desvendar como funciona tal parceria é uma das atividades linguístico-cognitivas realizadas continuamente pelos leitores de HQs. (MENDONÇA apud DIONÍSIO, 2007, p.196 e 197)

Como podemos evidenciar nesse fragmento, os quadrinhos são formados por dois tipos de linguagem: verbal e não verbal. Por linguagem verbal entende-se como a comunicação que se utiliza de códigos (palavras) para expressar, através da oralidade ou da escrita, nossas ideias e pensamentos. No nosso caso, utilizamos a língua portuguesa, o alfabeto e os algarismos alfanuméricos a fim de nos comunicarmos. Esta linguagem está presente em vários gêneros do discurso: reportagens, propagandas, obras literárias e científicas, nas rodas de conversa entre as pessoas além de outras situações presentes em nosso cotidiano.

Já a linguagem não verbal, consiste em utilizar outros códigos (o desenho, a dança, os sons, os gestos, a expressão fisionômica, as cores) como forma de comunicação entre as pessoas. Neste tipo de linguagem não se utiliza as palavras para se comunicar, ou seja, as pessoas fazem uso de desenhos, gestos ou expressões do rosto para comunicar seus pensamentos e emoções. É o caso das HQs, que possuem vários recursos da linguagem não verbal para que os leitores possam compreender melhor o texto que está sendo lido.

Sendo assim, a construção de sentidos deste gênero acontece quando no momento da leitura, o leitor relaciona texto e desenho. E é a partir do seu conhecimento linguístico e de seu conhecimento de mundo, que ele interpretará a história.

Marcuschi (2000 apud Dionísio, 2007) mostra que a concepção da HQ é de base escrita, pois a narração é baseada em roteiros escritos como no cinema, apesar da tentativa de reproduzir a fala (geralmente informal), através de interjeições, reduções vocabulares, onomatopeias, gírias, etc. Como os quadrinhos também utilizam a linguagem não verbal, que é fundamental na transmissão de sua mensagem, não se pode deixar de citar a importância dos elementos específicos de um quadrinho como o requadro (delimitações de determinado painel de desenho que constituem uma página, ou seja, são os espaços em que os desenhos estão), o balão (elemento que contém textos, imagens, sinais de pontuação ou símbolos e que muda de formato dependendo do que se deseja expressar como as falas, os pensamentos ou as emoções de cada personagem) e as legendas que auxiliam os recursos linguísticos (discurso direto, onomatopeia, expressões populares), não verbais (gestos e expressões faciais) e paralinguísticos (prolongamento e intensificação de sons) na compreensão da narrativa.

[...] Franco (2003) classifica os principais elementos da linguagem tradicional dos quadrinhos:

A Percepção Visual Global - Visão superficial do passado, do presente e do futuro.

As Elipses - Trechos omitidos da sequência da narrativa que são completados mentalmente pelo leitor.

O Tempo nos quadrinhos – Ação decomposta em vários quadrinhos que, de acordo com seu formato, ajudarão a definir o tempo transcorrido na narrativa.

Enquadramento – Requadros responsáveis pela delimitação espaço-temporal da história, além de posicionar o leitor em relação à cena.

Balão de fala - Recurso gráfico utilizado por autores de HQs para representar a fala do personagem.

Onomatopeias – Representação gráfica do som (ruídos) que não são fala dos personagens na narrativa dos quadrinhos.

Linhas de Movimento - Convenções gráficas usadas nas HQs para representar ilusão de movimento e/ou trajetória dos objetos durante a narração da história. (Franco apud kupczik, 2008, p. 3 e 4)

Através da utilização dos elementos de linguagem o autor da história faz um planejamento do que será narrado nela fazendo com que, conforme Fávero (s/d, apud Eguti), não se percebem as repetições e redundâncias próprias da oralidade em uma HQ, uma vez que há uma elaboração prévia, assim como acontece num texto literário. Eguti (2001) também afirma que o texto não é espontâneo nem natural, pois se trata de uma obra em que o autor cria os diálogos e as situações que envolvem os falantes, além disso, o espaço e o tempo em que os fatos ocorrem são produtos de um planejamento prévio tanto do tema quanto do aspecto linguístico-discursivo, sujeito a correções.

2.2 HQs COMO GÊNEROS DO DISCURSO

Segundo Bakhtin (2003), em qualquer atividade humana o sujeito lança mão da linguagem para produzir enunciados, sendo que a produção dos mesmos dependerá da intencionalidade, do interesse e da finalidade de cada atividade. Entende-se com isso que os enunciados podem ter uma produção diversa mediante propostas comunicativas e condições de produção diferentes. A esses modelos de produção mais estáveis que permitem a identificação imediata pelo receptor/interlocutor dá-se o nome de gênero do discurso, ou seja, textos que circulam em determinadas esferas de atividades humanas apresentando tema, estrutura e linguagens semelhantes com pequenas variações. Para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso resultam em formas-padrão determinadas pela sociedade e pelo contexto histórico do momento. O autor alega que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso.

As atividades humanas relacionadas à produção de enunciados são inesgotáveis, pois estão em constante crescimento e alteração. É impossível, portanto, definir a quantidade

exata de gêneros discursivos em produção, pois a cada dia surgem novas e variadas formas de enunciados. Para Bakhtin:

Dispomos de um rico repertório de gêneros de discursos orais (e escritos). [...] Esses gêneros do discurso nos são dados quase que da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. (BAKHTIN, 2003, p. 282)

Em seus estudos Bakhtin toma por base práticas de linguagem cotidianas presentes em textos literários como representantes da pluralidade discursiva, situadas em diferentes situações, observando-as no romance, visto que este oferece diversas formas de discurso próprias da oralidade e de tradições culturais, o qual apresenta uma combinação de gêneros e discursos diversos. Ele classifica os gêneros discursivos em duas categorias: primários e secundários. Tal classificação se dá mediante as esferas de produção e de circulação.

O gênero discursivo primário, simples, é aquele que apresenta uma comunicação cotidiana, espontânea. As narrativas próprias de uma localidade, passadas de geração a geração, contadas espontaneamente em rodas de amigos ao final de um dia de trabalho ou mesmo entre familiares seriam exemplos de gêneros discursivos primários. O gênero discursivo secundário é aquele que aparece em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e evoluída como a escrita. É o caso das histórias em quadrinhos, dos livros de fábulas, dos romances; que retomam temas apresentados pelo gênero discursivo primário.

Portanto as Histórias em Quadrinhos constituem um gênero discursivo secundário, que, para Bakhtin (1997) aparecem em circunstâncias de comunicação cultural na forma escrita e que, muitas vezes em função do enredo desenvolvido, englobam os gêneros discursivos primários correspondentes a circunstâncias de comunicação verbal espontânea. Isso significa que as HQs se constroem em situações de práticas sociais complexas, demandando que os seus leitores possuam certo conhecimento prévio desse gênero para bem conseguir lê-las.

2.3 HQ E EDUCAÇÃO

As Histórias em Quadrinhos são um meio de comunicação e arte presentes no mundo todo, sempre refletindo as condições culturais de seu país de origem. E, como

legítimas manifestações culturais de um povo, é mais do que natural sua associação ao ensino. Porém, no Brasil, o preconceito contra esse tipo de arte faz com que seu uso pedagógico seja restrito.

Conforme Vergueiro (2010) durante anos os quadrinhos foram vistos no mundo todo exclusivamente como fonte de entretenimento ligada à grande indústria da comunicação em massa; mas, hoje, se tem a certeza de que o seu uso didático desponta como um importante veio a ser explorado.

Torna-se mais interessante a leitura a partir do momento em que o estudante consegue fazer uma interpretação do que está sendo lido. A linguagem não verbal contribui e muito para auxiliar o estudante a compreender o que está lendo, mas não se pode deixar de fora a linguagem verbal, que faz parte desse processo de compreensão do texto. Isso tudo foi comprovado através de pesquisas realizadas por Mayer (2001), que a eficiência na transmissão de informação através de imagens unida a conteúdos verbais se mostrou mais eficiente que a utilização de palavras somente. Coelho (2000) afirma que as histórias em quadrinhos são aceitas pelas crianças pelo fato de comunicarem de forma “objetiva” e “direta”, as informações nelas contidas.

Segundo Vergueiro (2010, p. 24) “as histórias em quadrinhos são especialmente úteis para exercícios de compreensão de leitura e como fontes para estimular os métodos de análise e síntese das mensagens”. Isso significa que as HQs podem ser utilizadas para introduzir a leitura na sala de aula e trabalhar, de forma mais eficaz, a interpretação de texto, fazendo o estudante se interessar e compreender os temas que são trabalhados em aula (gramática textual, assuntos da atualidade, técnicas de redação, etc.).

Até um tempo atrás, conforme Vergueiro (2009), os alunos não podiam levar revistas em quadrinhos para a sala de aula porque os professores repreendiam dizendo que eram leitura para entretenimento e geravam “preguiça mental” afastando os estudantes do que era considerada “boa leitura”. Esse preconceito permaneceu durante a segunda metade do século passado, embora já estivessem usando as HQs em livros didáticos a partir da década de 1980. A mudança começou pela LDB promulgada em 20 de dezembro de 1996. A lei previa a inclusão de outras linguagens e manifestações artísticas no ensino fundamental e médio. Os quadrinhos foram incluídos como prática em sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB com a elaboração dos PCNs, criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Em 2006, último ano do primeiro governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, iniciou-se um movimento para incluir os quadrinhos na área de ensino através da lista

do PNBE, que compra livros de diferentes editoras e os distribui a escolas de ensino fundamental e médio. Quando o programa foi criado (1997), ele dava prioridade para a distribuição de livros literários. Em 2006 foram selecionados, pela primeira vez, livros com quadrinhos; dos 225 títulos selecionados pelo governo, dez eram quadrinhos (4,5% do total) um número bem abaixo do total de livros comprados naquele ano. Alguns títulos dos quadrinhos selecionados foram os seguintes: “Asterix e Cleópatra” de René Goscinny e Albert Uderzo, Record; “A Metamorfose” de Peter Kuper (Adaptado da obra de Franz Kafka), Conrad; “Na Prisão” de Kazuichi Hanawa, Conrad; “Níquel Náusea – Nem tudo que balança cai” de Fernando Gonsales, Devir; “O Nome do Jogo” de Will Eisner, Devir; “Pau pra toda obra” de Gilmar, Devir; “Dom Quixote em quadrinhos” de Caco Galhardo, Peirópolis; “Santô e os pais da aviação: a jornada de Santos-Dumont e de outros homens que queriam voar” de Spacca, Cia. das Letras; “Toda Mafalda: da primeira à última tira” de Quino, Martins Fontes; esta última é uma ótima leitura para crianças e adolescentes ilustrada conforme a Figura 1:



Figura 1: Livro “Toda Mafalda: da primeira à última tira” de Quino, Martins Fontes
Fonte: Vergueiro (2009, p. 17)

Segundo Vergueiro (2009, p. 17) o edital de 2006 do PNBE constava que os “livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas para o público jovem”, ou seja, o governo via os quadrinhos como gêneros literários. Nesse período, várias editoras investiram na produção de livros de histórias em quadrinhos e adaptações de obras da literatura universal para o mesmo formato. Houve quatro adaptações em quadrinhos de “O Alienista” e três de “A Cartomante”, baseadas em contos de Machado de Assis (1839-1908).

Em 2008 houve a primeira triagem de obras para fazerem parte da lista do Programa Nacional Biblioteca na Escola para o Ensino Médio (PNBEM). Nesse mesmo ano foram comprados 3.956.480 (Três milhões, novecentos e cinquenta e seis mil e quatrocentos e oitenta) livros, não havia nenhum livro de quadrinhos selecionado para o ensino médio; o governo entendia que tais obras eram indicadas apenas à realidade do ensino fundamental. No mesmo ano uma resolução autorizava a aquisição de lotes para a educação infantil e para as escolas públicas do ensino básico. Na lista de 60 obras direcionadas para a educação infantil não havia livros de quadrinhos; já na do ensino fundamental, dos 100 livros adquiridos sete eram de histórias em quadrinhos entre as quais estavam os seguintes títulos: “A Turma do Xaxado, volume 2” de Antonio Cedraz, Estúdio e Editora Cedraz; “Courtney Crumrin e as criaturas da noite” de Ted Naifeh, Devir; “Mitos gregos: o voo de Ícaro e outras lendas” de Marcia Williams, Ática; “Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda” de Marcia Williams, Ática; “Os Lusíadas em quadrinhos” de Fido Nesti, Peirópolis; “25 anos do Menino Maluquinho” de Ziraldo, Globo; “Pequeno Vampiro vai à escola” de Joann Star, Jorge Zahar.



Figura 2: Livro “Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda” de Marcia Williams, Ática
Fonte: Vergueiro (2009, p. 21)

Três dos sete títulos em quadrinhos eram adaptações de obras literárias, isso significa que o governo ainda continuava a entender que os quadrinhos faziam parte dos gêneros literários. Mas no PNBE de 2009 houve algumas mudanças em relação ao ponto de vista do governo sobre os livros de histórias em quadrinhos, que consolida a interpretação de quadrinhos como parte dos gêneros literários. Ao ler o edital desse mesmo ano podia-se compreender que os quadrinhos não precisavam ser, necessariamente, adaptações de obras literárias para serem leituras recomendadas. Com isso os quadrinhos também poderiam migrar

para o ensino médio através da lista do PNBE, pois tal gênero era direcionado apenas ao ensino fundamental. De fato, a mudança tornou possível compreender os quadrinhos como efetivamente são – um meio de leitura, cabendo ao leitor discernir as obras boas daquelas que são ruins. Segundo Vergueiro (2009, p. 24) adaptações como “Rei Artur” (Figura 2) e “Ícaro”, indicadas em 2008, não eram o que de melhor se produziu em quadrinhos; elas poderiam ser substituídas por outras de autores nacionais, que continham um conteúdo bem próximo da nossa realidade escolar, no entanto pesou mais o fato de serem obras literárias clássicas adaptadas para os quadrinhos do que o conteúdo propriamente dito. Com a mudança no PNBE de 2009 o preconceito de que as histórias em quadrinhos seriam apenas para crianças caiu por terra, pois títulos como “Na Prisão”, *mangá*¹ selecionado em 2006; “A Força da Vida”, “Sonhador” e “Um Contrato com Deus e outras Histórias de Cortiço” ambos escritos por Will Eisner são uma prova contrária de que existem quadrinhos que podem ser trabalhados com os jovens do ensino médio e, até mesmo, para o público adulto que frequenta a modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos).

No PNBE de 2009, na lista do ensino fundamental possui 15 publicações de quadrinhos; na destinada ao ensino médio, seis. Seguem os títulos comprados para o ensino fundamental e o ensino médio:

- Ensino Fundamental: “A História do Mundo em quadrinhos: a Europa Medieval e os invasores do Oriente” de Larry Gonick, Agir; “Oliver Twist” de John Malam (Adaptado da obra de Charles Dickens), Companhia Editora Nacional; “Luluzinha vai às compras” de Marge, Devir; “Níquel Náusea: Tédio no Chiqueiro” de Fernando Gonsales, Devir; “Suriá, a garota do circo!” de Laerte, Devir; “A Turma do Pererê: As manias do Tininim” de Ziraldo, Globo; “Maluquinho por Arte: histórias em que a turma pinta e borda” de Ziraldo, Globo; “O Beijo no Asfalto: Graphic Novel” de Arnaldo Branco e Gabriel Góes (Adaptado da obra de Nelson Rodrigues), Nova Fronteira; “Asterix e a volta às aulas” de René Goscinny e Albert Uderzo, Record; “Asterix nos jogos olímpicos” de René Goscinny e Albert Uderzo, Record; “D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)” de Lilia Moritz Schwarcz e Spacca, Cia. das Letras; “A volta da Graúna” de Henfil, Geração de Comunicação Integrada; “Deus segundo Laerte”, Olho d’Água; “10 pãezinhos: meu coração não sei por quê” de Fábio Moon e Gabriel Bá, Via Lettera; “Triste fim de Policarpo Quaresma” de

¹ Mangá: é a palavra usada para designar as histórias em quadrinhos feitas no estilo japonês. No Japão, o termo designa quaisquer histórias em quadrinhos. Sua origem está no Oricom Shohatsu (Teatro das Sombras), que na época feudal percorria diversos vilarejos contando lendas por meio de fantoches. Essas lendas acabaram sendo escritas em rolos de papel e ilustradas, dando origem às histórias em sequência, e conseqüentemente originando o mangá. Fonte: Wikipédia – A enciclopédia Livre.

Lailson de Holanda Cavalcanti (Adaptado da obra de Lima Barreto), IBEP/Companhia Editora Nacional.

- Ensino Médio: “O Alienista” de Fábio Moon e Gabriel Bá (Adaptado da obra de Machado de Assis), Agir; “Domínio Público: Literatura em Quadrinhos” de vários autores, Difusão Cultural do Livro; “A força da vida” de Will Eisner, Devir; “O Sonhador: uma história sobre os primórdios das revistas em quadrinhos” de Will Eisner, Devir; “Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço” de Will Eisner, Devir; “Irmãos Pretos” de Hannes Binder e Lisa Tetzner, Edições SM.

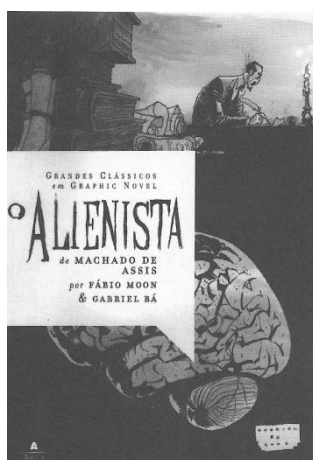


Figura 3: Livro “O Alienista” de Fábio Moon e Gabriel Bá (Adaptado da obra de Machado de Assis), Agir
Fonte: Vergueiro (2009, p. 33)

Uma adaptação em quadrinhos de “O Alienista” feita pelos irmãos Gabriel Bá e Fábio Moon, lançada pela editora Agir em 2007 (Figura 3); a mesma recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura em 2008 na categoria Álbum Didático e Paradidático de Ensino Fundamental ou Médio. Outros autores como Moacyr Cirne, Will Eisner e Daniele Barbiers (apud Vergueiro, 2009) acreditam que os “quadrinhos são uma manifestação artística autônoma, assim como o são a literatura, o cinema, a dança, a pintura, o teatro e tantas outras formas de expressão [...]” e, segundo os autores, os quadrinhos “... já teriam se ‘emancipado’ e constituído recursos próprios de linguagem”. Conforme Vergueiro (2009), em seus estudos sobre os quadrinhos na educação ele diz o seguinte:

O MEC parece encarar os quadrinhos – por mesclarem elementos verbais escritos e visuais – como um estímulo à leitura, uma das premissas do programa. [...] Quadrinhos também são leitura. [...] De qualquer forma, a inclusão dos quadrinhos no PNBE significa um avanço na maneira como a área de ensino os enxerga.

Deixaram de ser leitura subversiva ou superficial para serem oficializados como política de governo. (VERGUEIRO, 2009, p. 40)

Agora cabe aos professores, alunos e demais segmentos da educação brasileira fazerem uso das histórias em quadrinhos em suas práticas pedagógicas. Para Vergueiro (2009, p. 41) “Os quadrinhos estão aí, prontos para serem descobertos e utilizados. Basta saber olhar. E querer”.

3 A EVOLUÇÃO DAS HQs

Durante seus mais de 100 anos, as histórias em quadrinhos sofreram várias mudanças. A principal delas é a transição de literatura inútil à ferramenta pedagógica. Para compreender melhor, é preciso voltar os olhos para o passado e acompanhar a evolução histórica deste gênero literário.

Seu início foi ainda no século XIX, mas os registros principais são do começo do século XX, com o lançamento da revista infantil Tico-Tico (1905). Esta revista foi criada por Luís Bartolomeu de Souza e Silva e publicada em cores pela editora O Malho, especializada em publicar revistas de HQs. O Tico-Tico era uma revista inspirada na revista francesa La Semaine de Suzette, cujo personagem principal recebeu o nome de Felismina no Brasil.

No princípio, os profissionais brasileiros dedicavam-se, em maior parte, a reproduções de histórias estrangeira, mas, havia também, personagens nacionais, como Jujuba, de Jota Carlos; Chico Muque, de Max Yantok; e Reco-Reco, Bolão e Azeitona, de Luís Sá.

Em 1934, o mercado das revistas em quadrinhos foi impulsionado por Adolfo Aizem, ao editar o Suplemento Infantil, encarte semanal do jornal carioca A Nação. A publicação torna-se independente, devido ao sucesso alcançado, passando a chamar-se Suplemento Juvenil, e apresentava o primeiro personagem de história em quadrinhos brasileiro a alcançar projeção nacional – Roberto Sorocaba, criado por Monteiro Filho. A revista trazia ainda histórias estrangeiras como: Flash Gordon, Mandrake, Tarzan, Popeye e Mickey. Para concorrer com o Suplemento Juvenil, o jornalista Roberto Marinho lança “O Globo Juvenil”, em 1937.

Em 1939, é lançado “Gibi”, nome que até hoje é associado às HQs. Seu primeiro número traz, entre outras histórias, Lil Abner (Ferdinando), de Al Capp; César e Tubinho, de Roy Crane; e Barney Baxter, de Frank Miller. Com o sucesso do gênero, alcançado no

decorrer dos anos, surgem muitas outras revistas especializadas em quadrinhos, como o Gibi Mensal, o Gury, o Lobinho e o Globo Juvenil Mensal, na década de 40.

Nos anos 50 o psiquiatra Frederic Wertham escreveu um livro, “A Sedução do Inocente” (The Seduction of the Innocent), conforme texto publicado por Oppermann (2004), o médico fez com que as histórias em quadrinhos passassem de diversão a vilãs. Nos Estados Unidos, elas são acusadas por ele de subversão e consideradas má influência aos jovens, sendo apontadas como o principal fator da delinquência juvenil e eram comumente queimadas em praças públicas. Este efeito foi menor no Brasil, pois as HQs eram vistas como literatura inútil, até mesmo por causa da intolerância ideológica da época. Estes fatos, apesar de negativos, não impediram artistas brasileiros de lançar novos personagens, como O Amigo da Onça (1952), que circulou durante vinte anos no jornal O Cruzeiro.

Victor Civita funda a Editora Abril e lança a primeira revista com personagens de Walt Disney no Brasil, O Pato Donald. Ziraldo lança, em 1959, Pererê, que abordava em suas histórias, temas polêmicos, como reforma agrária e ecologia.

A década de 60 foi marcada por um grande crescimento no mercado dos quadrinhos, devido ao sucesso de Maurício de Souza ao lançar A Turma da Mônica, passando a produzir revistas em série e utilizar-se de merchandising nas vendas. Até os dias de hoje, A Turma da Mônica é a turminha mais querida dos quadrinhos, sendo preferência entre crianças, jovens e adultos, e obteve sucesso em vários países onde foram lançados.

Com a repressão militar na década de 70, os quadrinhos passaram a trazer críticas sociais e políticas, desta vez, voltados para adultos e sofreram censura em decorrência a este caráter crítico. Logo depois, na década de 80, o mercado se abre para artistas como Laerte (Piratas do Tietê), Angeli (Chiclete com Banana), Glauco (Geraldão) e Fernando Gonsales (Níquel Náusea), voltados para o público jovem e adulto.

A crise econômica na década de 90 afetou fortemente o mercado dos quadrinhos, fechando várias revistas (principalmente aquelas que transformavam artistas em desenhos) e impulsionando profissionais brasileiros a ilustrar roteiros em outros países, principalmente nos Estados Unidos.

No início do século XXI é que as HQs foram consideradas como uma poderosa ferramenta pedagógica, pois têm a particularidade de fundir valiosas expressões culturais, como a literatura e as artes plásticas, tornando-se uma fonte de inspiração didática. Com o advento da *internet* elas passaram a ser mais interativas, ou seja, os leitores poderiam digitalizá-las e postá-las em ambiente virtual para usá-las em diversas atividades utilizando computadores e aparelhos audiovisuais como projetores, DVD *Players*, *Blue-Rays* entre

outros. Também foram desenvolvidos *softwares* como o HAGÁQUÊ¹ (Figura 5) para que os amadores de histórias em quadrinhos tenham a oportunidade de criarem suas próprias histórias.

Nesse *software* existem figuras de pessoas, objetos e paisagens; além de botões com funções para *zoom* (aumenta ou diminui elementos escolhidos pelo autor da HQ), paleta de cores (o autor escolhe as cores que deseja utilizar em seus elementos), entre outras funções. Existem as HQs que podem ser lidas *online* e estão em vários *sites* como o UOL com as tirinhas do Níquel Náusea², Clube da Mafalda³, Turma da Mônica em Quadrinhos⁴, Cartoon Show⁵, Escola de Animais⁶, Vida Besta⁷, Tiras Nacionais⁸, entre outros tantos. Enfim há uma infinidade de *sites* e *softwares* que podem ser pesquisados no Google⁹ e possuem muitas histórias em quadrinhos *online* além do leitor poder criar suas próprias HQs e enviá-las por *e-mail* ou armazená-las em seu computador para inseri-las em *blogs*, *sites*, e até mesmo convertê-las para outros tipos de mídias (CD, DVD, *BLUE-RAY*, etc...) para utilização em diversas atividades. Isso tudo mostra o quanto as HQs evoluíram ao longo dos anos, ou seja, começaram em papel impresso e hoje estão disponíveis em ambientes virtuais através da *internet*.



Figura 4: *Software* HAGÁQUÊ

Fonte: Site < <http://www.vivaolinux.com.br/artigo/Projeto-GuacuLivre-Sistema-Operacional-e-Softwares-Educacionais-Livres-para-Computadores-Pessoais-e-do-PROINFO-Pregao-FNDE-83-2008?pagina=5> >

¹ <http://www.nied.unicamp.br/~hagaque>

² <http://www2.uol.com.br/niquel>

³ <http://clubedamafalda.blogspot.com>

⁴ <http://www.monica.com.br/comics/fwelcome.htm>

⁵ http://cartoonshow.uol.com.br/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=31&Itemid=42

⁶ <http://www.escoladeanimais.com/galeria2>

⁷ <http://www.vidabesta.com>

⁸ <http://tirasnacionais.blogspot.com>

⁹ <http://www.google.com.br>

Acesso em: 27 nov. 2011.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

4.1 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

No início do mês de outubro (5, 6 e 7/10/2011), aconteceu um encontro de formação de professores que falava sobre a Nova Ortografia. Estudou-se as novas regras, o que ainda continua e o que mudou, quais palavras compostas são escritas juntas, quais são escritas separadas, as que continuam sendo acentuadas, as que perderam o acento, entre outras coisas mais.

Nesse encontro a professora mostrou uma história em quadrinhos da Turma da Mônica que falava sobre a Nova Ortografia. O assunto era muito interessante e foi apresentado aos alunos de 6º ano do ensino fundamental (antiga 5ª série). Primeiro as regras da nova ortografia foram apresentadas em duas folhas (Anexo 1) onde havia uma tabela com os conteúdos a serem trabalhados. As regras foram explicadas uma por uma escrevendo vários exemplos no quadro e respondendo a todas as dúvidas que os estudantes tinham em relação ao assunto. Depois se trabalhou com alguns exercícios escritos no quadro e foram entregues folhas com atividades variadas sobre o assunto para que eles pudessem compreender o uso correto das novas regras ortográficas. As folhas com atividades seguem conforme Figuras 5 à 7:

PASSATEMPOS

COM A REFORMA ORTOGRÁFICA, NÃO SE ACENTUARÃO AS LETRAS "I" E "U" TÔNICAS NAS PALAVRAS PAROXÍTONAS PRECEDIDAS DE DITONGO. VAMOS VER UM EXEMPLO? BASTA RESOLVER O DIAGRAMA 1 E PREENCHER O DIAGRAMA 2 PARA NÚMEROS IGUAIS, LETRAS IGUAIS.

1 USA-SE NA CABEÇA.

1	2	3	4	5	6						
4	7	8	9	6	7	10					
4	3	11	3	12	11	7	13	3			
3	8	14	13	8	7	16					
10	16	8	16	13	13	7	13	3	12	3	13

AVE ORILINDA DO POLO SUL.

PARTE DO AUTOMÓVEL.

PRIMEIRO NOME DO PERSONAGEM ALFACINHA.

PALAVRAS QUE TÊM UMA ÚNICA SILABA.

2 12 3 7 6 1 3

O HÍFEN PERMANECE EM PALAVRAS FORMADAS POR "ALEM", "AQUEM", "RECÉM", "SEM". VAMOS VER UM EXEMPLO DESSE REGRA? BASTA TROCAR OS SÍMBOLOS PELAS LETRAS CORRESPONDENTES!

○ = A ▽ = M ▲ = É ■ = R ◻ = L

SEGUINDO AS COORDENADAS, VOCÊ VAI DESCOBRIR O NOME DO PAÍS DE ORIGEM DA NOSSA LÍNGUA!

1	2	3	4	5	6	
A	U	E	S	O	N	D
B	V	P	C	H	I	R
C	F	M	A	B	G	E
D	H	S	T	N	O	L

2-B 4-A 6-B 3-D 1-A 5-C 3-C 6-D

Figura 5: Caça-palavras e descobrir utilizando códigos

Fonte: Revista "Saiba Mais da Turma da Mônica: Reforma Ortográfica", p. 23 e 25

NÃO TERÃO MAIS HÍFEN AS PALAVRAS DE PREFIXOS TERMINADOS EM VOGAL, MAIS PALAVRAS INICIADAS POR 'R' OU 'S', SENDO QUE ESSAS DEVEM SER DOBRADAS. VAMOS ENCONTRAR NO DIAGRAMA OS EXEMPLOS ABAIXO?

AS PALAVRAS TERMINADAS EM 'EU' CONTINUAM SENDO ACENTUADAS. VAMOS ENCAIXÁ-LAS NO DIAGRAMA?

ANTISSÉPTICO
CONTRARREGRA
ULTRASSECRETO
AUTOSUSTENTIVEL
ALTORETRATO
ULTRASSOM

TROFÉU
BELEU
ILHÉU
MAUSOLÉU
FOGARÉU
ESCARCÉU
-CHAPÉU-

SEGUNDO A REFORMA ORTOGRÁFICA, O TREMA NÃO SERÁ MAIS UTILIZADO. USAREMOS APENAS EM CASOS DE NOMES PRÓPRIOS. SIGA O CAMINHO DO QUADRO A NO QUADRO B PARA VER DOIS EXEMPLOS DESSA REGRA!

O HÍFEN PERMANECE EM PALAVRAS QUE DESIGNAM ESPÉCIES BOTÂNICAS OU ZOOLOGICAS. VAMOS IDENTIFICÁ-LAS, DESEMBALHANDO AS LETRAS?

1 VAER-ODEC 2 EUUVC-FROL
3 EFIAOJ-DERVE 4 MBE-ET-IV
5 ORCOP-NSOPIEH
6 ADAMUNAT-IMIAIR

Figura 6: Caça-palavras; Palavras cruzadas e desembaralhe as letras
 Fonte: Revista “Saiba Mais da Turma da Mônica: Reforma Ortográfica”, p. 27 e 28

VAMOS RELACIONAR CADA GRUPO DE PALAVRAS À SUA RESPECTIVA REGRA?

1 PARABRISA
MANGACHUMA
PARALAMA

2 HERÓI
CONSTRÓI
PAPÉIS

3 PLATEIA
IDEIA
BOIA

4 AUTOESCOLA
SEMIABERTO
INFRAESTRUTURA

A DITONGOS ABERTOS DE PALAVRAS OXÍTONAS TERMINADAS EM EI E OI CONTINUAM COM ACENTO.

B DITONGOS ABERTOS EI E OI DE PALAVRAS PAROXÍTONAS NÃO TERÃO ACENTO.

C PALAVRAS FORMADAS DE PREFIXOS TERMINADOS EM VOGAL MAIS PALAVRAS INICIADAS POR OUTRA VOGAL NÃO TERÃO MAIS HÍFEN.

D PALAVRAS QUE PERDERAM O SENTIDO DE COMPOSIÇÃO NÃO TERÃO MAIS HÍFEN.

VAMOS IDENTIFICAR ABAIXO A ÚNICA PALAVRA QUE ESTÁ ACENTUADA INCORRETAMENTE?

A DÓI B CHAPÉU
C ANÉIS
D HERÓICO E CÉU
F CONSTRÓI

VAMOS TROCAR OS NÚMEROS PELAS PALAVRAS DOS QUADRADINHOS PARA DESCOBRIR ALGUMAS LOCUÇÕES QUE NÃO TERÃO MAIS HÍFEN?

6 + 2 + 4 → _____
 7 + 2 + 1 → _____
 8 + 9 + 3 → _____
 5 + 2 + 10 → _____

1 GUARDA 2 DE 3 LEITE 4 SEMANA
 5 SALA 6 FIM 7 CÃO
 8 CAFÉ 9 COM 10 JANTAR

PREENCHENDO OS ESPAÇOS PONTILHADOS, VOCÊ VERÁ AS TRÊS LETRAS QUE FORAM INCORPORADAS AO NOSSO ALFABETO!

Figura 7: Associar a 2ª coluna de acordo com a 1ª; pintar desenhos ocultos; marcar a resposta correta e encontrar as palavras compostas somando os números
 Fonte: Revista “Saiba Mais da Turma da Mônica: Reforma Ortográfica”, p. 29 e 30

O trabalho foi realizado com duas turmas de 6º ano nas quais seria uma experiência diferenciada. Em uma das turmas foi entregue as duas folhas com a tabela que fala da Nova Ortografia da Língua Portuguesa (Anexo 1), na outra foi entregue as mesmas folhas e utilizado um Projetor Multimídia para mostrar a história em quadrinhos da Turma da Mônica que fala sobre a Reforma Ortográfica, veja a seguir a capa da revista (Figura 8):



Figura 8: Capa da Revista “Saiba Mais da Turma da Mônica: Reforma Ortográfica”, Panini Comics

Essa revista fala dos países que se comunicam através da Língua Portuguesa, o contexto histórico (colonização de regiões da África, Europa e das Américas, pelos portugueses), mostrando porque aqueles países adotaram a Língua Portuguesa como seu principal idioma. Também menciona que a reforma foi feita para a unificação da escrita entre esses países, ou seja, todos eles passariam a utilizar o mesmo tipo de escrita para se comunicarem. Esta é a primeira parte da revistinha.

A segunda parte fala especificamente sobre as regras do Novo Acordo Ortográfico, utilizando uma linguagem simples com muitas ilustrações como mostra a Figura 9:

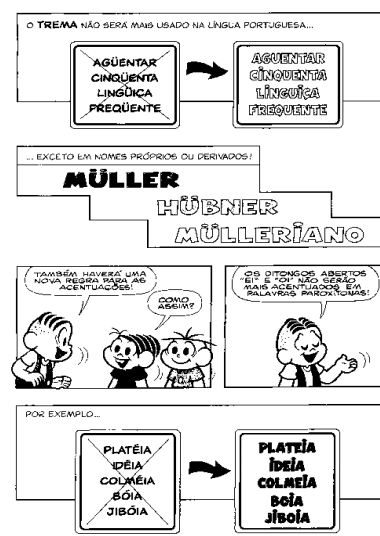


Figura 9: Ilustração da regra sobre o trema e a perda do acento em palavras paroxítonas com ditongo aberto.
Fonte: Revista “Saiba Mais da Turma da Mônica: Reforma Ortográfica”, p. 13

As Figuras 5 a 9 estão em preto e branco, mas a versão da revista que aparece tudo em cores chama muito a atenção do leitor, é como se tudo tivesse mais vida, movimentos e ações. Depois que a revista foi apresentada para uma das turmas se aplicou duas provas (Anexo 2) sobre o conteúdo para comprovar se os alunos conseguiram compreender o assunto, se houve ou não alguma diferença entre a turma que teve o conteúdo somente na forma escrita e a que teve o conteúdo na forma escrita com mais a história em quadrinhos, mostrada com Projetor Multimídia, que reforçava o mesmo assunto.

4.2 RESULTADOS

Percebeu-se que aqueles alunos que visualizaram a história da Turma da Mônica sobre a Reforma Ortográfica no Projetor Multimídia tiveram o melhor desempenho nas avaliações (Anexo 2) porque, segundo eles mesmos, o assunto ficou muito mais interessante quando foi apresentado dessa forma. O trabalho consistia em identificar o uso correto do hífen, as palavras que perderam o acento, o fim da utilização do trema que ficou restrita apenas a palavras estrangeiras e as palavras que ainda não deixaram de ser acentuadas. Nas avaliações realizadas com trinta e seis estudantes das duas turmas de 6º Ano, as questões 8 a 12 e os exercícios 2 e 3 (Anexo 2) referem-se ao conteúdo da Reforma Ortográfica. Abaixo segue o Gráfico (Figura 10) com o desempenho dos trinta e seis alunos que responderam as questões e outro Gráfico (Figura 11) com a média geral dos alunos no primeiro e no segundo trimestre, Língua Portuguesa:

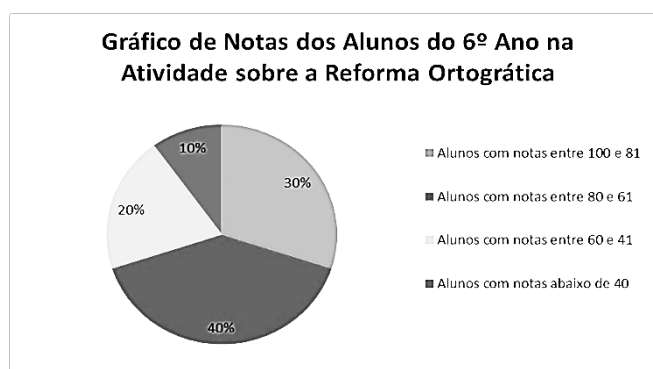


Figura 10: Gráfico com o desempenho dos 36 alunos nas avaliações sobre a Reforma Ortográfica
Fonte: Programa Excel do Pacote Office 2010

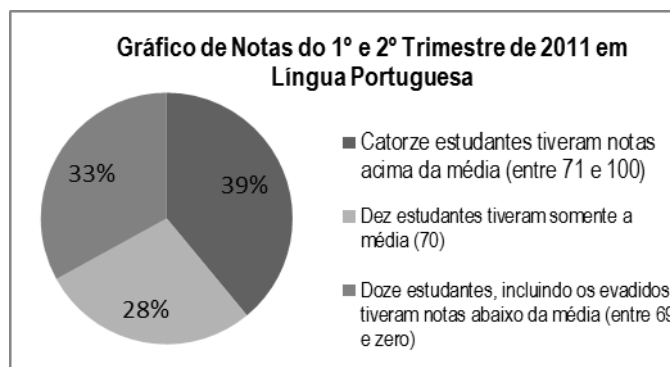


Figura 11: Gráfico com o desempenho dos 36 alunos nas avaliações do 1º e 2º Trimestre de 2011 em Língua Portuguesa

Fonte: Programa Excel do Pacote Office 2010

Considerando que a turma é mediana, ou seja, a grande maioria dos alunos não tira notas maiores que noventa (90) e menores que cinquenta (50); percebeu-se que, com essa atividade, eles tiveram maior interesse pelo conteúdo, apesar das circunstâncias e da realidade em que vivem (muitos são da periferia, moram em casas sem o mínimo de saneamento básico). Sabendo-se que a média na escola é 70 (setenta) e a máxima é 100 (cem), eles concluíram a atividade com êxito; pois, os alunos que visualizaram a HQ sobre a Reforma Ortográfica estão entre os trinta por cento daqueles que tiveram notas entre 100 e 81, e entre os quarenta por cento que tiveram notas entre 80 e 61, ou seja, setenta por cento dos alunos compreenderam o conteúdo que foi trabalhado em aula. Isso mostrou o quanto o professor deve pesquisar e trazer para a sala de aula várias maneiras de se trabalhar com determinado conteúdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

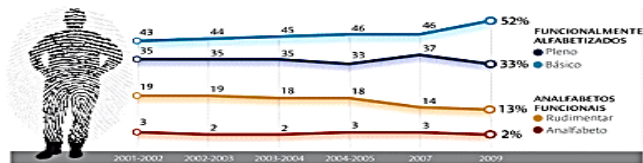
A meta pretendida foi motivar estudantes a lerem mais tendo em vista que não há muito interesse pela leitura. Pretendeu-se organizar uma metodologia mais atraente a fim de interagir de forma eficaz com os alunos e mostrar que a leitura é extremamente importante para o desenvolvimento intelectual do indivíduo. O objetivo primordial desse trabalho foi desenvolver a capacidade de interpretação de texto, pois existem pesquisas apresentadas por Silva (2009, Figuras 12 a 14) dizendo que muitos estudantes que chegam ao ensino médio são, numa grande maioria, considerados analfabetos funcionais; ou seja, leem, mas não conseguem compreender o que leram.

O que diz o INAF Brasil 2009

O Indicador de Alfabetismo Funcional revela que só um terço dos jovens brasileiros atingiu a alfabetização plena

Evolução do indicador

População de 15 a 24 anos.



Ilustrações: Mario Kanno

Fonte: Instituto Paulo Montenegro/IBOPE

Recoo demorado

Faz quase uma década que as habilidades para ler, escrever e fazer cálculos são avaliadas no Brasil e o analfabetismo funcional persiste entre os mais jovens. Ele já foi 22% (2001). Hoje, ainda soma 15% (2009). A julgar pelo ritmo, a batalha para erradicá-lo será longa.

Figura 12: Gráfico sobre o Analfabetismo Funcional
Fonte: Revista “Nova Escola”, publicada em Dezembro de 2009

Indicador por escolaridade

População de 15 a 24 anos.



Fonte: Instituto Paulo Montenegro/IBOPE

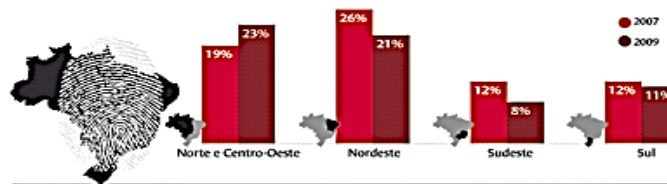
O estudo ainda é a saída

Entre os jovens que concluíram a Educação básica, ou seja, estudaram até a 8ª série do Ensino Fundamental, ainda há analfabetos funcionais. Eles somam 22% desde 2007. Porém houve uma redução significativa entre os que chegaram até a 4ª série.

Figura 13: Gráfico sobre o Analfabetismo Funcional por Escolaridade
Fonte: Revista “Nova Escola”, publicada em Dezembro de 2009

Analfabetos funcionais por região

População de 15 a 24 anos.



Fonte: Instituto Paulo Montenegro/IBOPE

Disparidades pelo Brasil

Este ano, o número de jovens analfabetos funcionais aumentou quatro pontos percentuais nas regiões Norte e Centro-Oeste. Esse movimento é contraditório, visto que houve redução dos índices em todas as outras regiões do país, com destaque para o Sudeste.

Figura 14: Gráfico sobre o Analfabetismo Funcional por Região
Fonte: Revista “Nova Escola”, publicada em Dezembro de 2009

Sendo assim as histórias em quadrinhos vieram para contribuir e fazer com que os alunos se interessem muito mais pela leitura, pois isso fará com que eles tenham mais vontade

para vir à escola, estudar para melhorar o meio em que vivem e terem uma perspectiva de vida melhor. Este trabalho foi feito, não para mostrar algo novo, pois muitos professores já utilizam as HQs em sala de aula para fazer com que seus alunos tenham mais interesse pelos estudos; mas para dizer que é possível fazer com que os alunos tenham interesse pela leitura, utilizando a linguagem dos quadrinhos para interagir com esses estudantes, buscando melhorar a qualidade de ensino. Pode parecer uma ação pequena, mas é nas pequenas coisas que estão os grandes atos da vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 1997.

BAKHTIN, M. Mikhail. **Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra.** 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens 6º Ano.** 5ª ed. reformulada. São Paulo: Atual, 2009.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, paixão e sedução.** Petrópolis: Vozes, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática.** São Paulo: Moderna, 2000. p. 217-220.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EGUTI, Claricia Akemi. **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.

KUPCZIK, Vanessa; GODOI, Katia A. de; JARDIM, Rodrigo; BATTAIOLA, André L. **Estudo sobre HQ eletrônicas como objetos de aprendizagem: contribuições para construção e avaliação.** Curitiba: UFPR, 2008.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Promulgada em 20 de dezembro de 1996.

MAYER, R. E. **Multimedia Learning**. Nova York: Cambridge University Press, 2001.

OPPERMANN, Álvaro. **O doutor que odiava heróis**. Revista Superinteressante: Abril, 2004. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2004/conteudo_333012.shtml> Acesso em: 15 jan. 2012.

PROGRAMA **Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno Teoria e Prática 3 – TP3: Gêneros Textuais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

SILVA, Michele. **Uma lenta caminhada para vencer o analfabetismo funcional**. Revista Nova Escola, Edição 228, Dezembro de 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/avaliacao/uma-lenta-caminhada-analfabetismo-funcional-alfabetismo-inaf-instituto-paulo-montenegro-leitura-escrita-518768.shtml>> Acesso em: 15 jan. 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Quadrinhos na Educação: da Rejeição à Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

ANEXO 1

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa			Nova Regra	Regra Antiga	Como Será
Alfabeto					
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
O alfabeto é agora formado por 26 letras.	O 'x', 'w' e 'y' não eram consideradas letras do nosso alfabeto.	Essas letras serão usadas em siglas, símbolos, nomes próprios, palavras estrangeiras e seus derivados. Exemplos: km, watt, Byron, byroniano.	O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixos (ou falsos prefixos) terminados em vogal + palavras iniciadas por outra vogal.	auto-afirmação, auto-ajuda, auto-aprendizagem, auto-escola, auto-estrada, auto-instrução, contra-exemplo, contra-indicação, contra-ordem, extra-escolar, extra-oficial, infra-estrutura, infra-ocular, intra-abdominal, neo-expressonista, neo-imperialista, semi-aberto, semi-aberto, semi-automático, semi-embriagado, semi-obscuridade, supra-ocular, ultra-elevado.	autoafirmação, autoajuda, autoaprendizagem, autoescola, autoestrada, autoinstrução, contraexemplo, contraindicação, contraordem, extraescolar, extraoficial, infraestrutura, intraocular, intraabdominal, neoexpressonista, neoimperialista, semiaberto, semiautomático, semiaberto, semiembriagado, semiobscuridade, supraocular, ultraelevado.
Trema					
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
Não existe mais o trema em língua portuguesa. Apenas em casos de nomes próprios e seus derivados, por exemplo: Müller, milleriano.	agüentar, consequência, cinquenta, quinquênio, frequência, freqüente, eloqüência, eloqüente, arguição, zelinqüir, pingüim, tranqüilo, lingüiça.	agüentar, consequência, cinquenta, quinquênio, frequência, frequente, eloqüência, eloqüente, arguição, zelinqüir, pingüim, tranqüilo, lingüiça.			
Acenuação					
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
Ditongos abertos (ei, oi) não são mais acentuados em palavras paroxítonas.	assembléia, platéia, idéia, colméia, boléia, panacéia, Coréia, hebreia, bóia, paracéia, jibóia, apóio, heróico, paracéio.	assembleia, plateia, ideia, colmeia, boleia, panaceia, Coreia, hebreia, boia, paracelo, jiboa, apoio, herico, paracelo.	Obs: esta nova regra vai uniformizar algumas exceções já existentes antes: antibéico, anti-americano, socioeconômico etc.		
Obs: nos ditongos abertos de palavras oxítonas e monossílabas o acento continua: herói, constrói, dói, anéis, pássaro.			Obs2: esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte iniciar por 'h': anti-herói, anti-higiênico, extrahumano, semi-herbáceo etc.		
Obs2: o acento no ditongo aberto 'eu' continua: chapéu, véu, céu, ilhéu.					
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
O hiato 'oo' não é mais acentuado.	enjoio, voo, coroo, perdooo, coo, moo, alibemoo, poroo.	enjoio, voo, coroo, perdooo, coo, moo, alibemoo, poroo.	Agora utiliza-se hífen quando a palavra é formada por um prefixo (ou falso prefixo) terminado em vogal + palavra iniciada pela mesma vogal.	antibiótico, antimfamatório, antifascionário, antimperialista, arquimínimo, arquimandade, microondas, microônibus, microorgânico.	anti-béico, anti-inflamatório, anti-fascionário, anti-imperialista, arquimínimo, arquimandade, micro-ondas, micro-ônibus, micro-orgânico.
O hiato 'ee' não é mais acentuado.	relem, delem, veem, descreem, reveem.	relem, delem, veem, descreem, reveem.	Obs: esta regra foi alterada por conta da regra anterior: prefixo termina com vogal + palavra inicia com vogal diferente = não tem hífen; prefixo termina com vogal + palavra inicia com mesma vogal = com hífen.		
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
Não existe mais o acento diferencial em palavras homógrafas.	pára (verbo), péla (substantivo e verbo), pólo (substantivo), péra (substantivo), pera (substantivo), polo (substantivo).	para (verbo), pela (substantivo e verbo), pelo (substantivo), pera (substantivo), pera (substantivo), polo (substantivo).	Obs2: uma exceção é o prefixo 'co'. Mesmo se a outra palavra inicia-se com a vogal 'o', NÃO utiliza-se hífen.		
Obs: o acento diferencial ainda permanece no verbo 'poder' (3ª pessoa do Indicativo - 'póde') e no verbo 'por' para diferenciar da preposição 'por'.					
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
Não se acentua mais a letra 'l' nas formas verbais rizotônicas, quando precedido de 'j' ou 'q' e antes de 'e' ou 'i' (que, que, qui, qui).	argüi, apazüigo, averigüei, enxagüei, enxagüemo, obüique.	argui, apazigüei, averigüei, enxagüei, enxagüemo, obüique.	Obs: o uso do hífen permanece em palavras compostas que não contêm elemento de ligação e constitui unidade sintagmática e semântica, mantendo o acento próprio, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas: ano-luz, azul-escuro, médico-cirurgião, conta-gotas, guarda-chuva, segunda-feira, tenente-coronel, beija-flor, couve-flor, erva-doce, mal-me-queix, bem-te-vi etc.		
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
Não se acentua mais 'l' e 'u' tônicos em paroxítonas quando precedidos de ditongo.	baluca, bolüna, cheüinho, salüinha, feüira, feüime.	baluca, boluna, cheüinho, salüinha, feüira, feüime.	Observações Gerais		
Hífen			Exemplos		
Nova Regra	Regra Antiga	Como Será			
O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixos (ou falsos prefixos) terminados em vogal + palavras iniciadas por 'l' ou 'u', sendo que essas devem ser dobradas.	ante-sala, ante-sacristia, auto-retrato, anti-espial, anti-ogus, arqui-emüístico, arqui-rivalüdas, auto-regulamentação, auto-sugestão, contra-senso, contra-regra, conta-senüha, extra-regümento, extra-sistole, extra-seco, infra-somto, ultrasonografia, semi-real, semi-sintético, supra-real, supra-sensível.	antessala, antessacristia, autorretrato, antiespacial, antiofus, arquiemüístico, arquirivalüdas, autorregulamentação, autossugestão, contrasenso, contraregra, contasenüha, extraregümento, extrasístole, extrasseco, infrassono, irrareal, ultrarrazonâmüico, ultrasonografia, suprarreal, suprasensível.	Em palavras formadas por prefixos 'ex-', 'vice-', 'soto-': Ex-marido, vice-presidente, soto-mestre. Em palavras formadas por prefixos 'circum-' e 'pan-' + palavras iniciadas em vogal, H ou U: pan-americano, circum-navegação. Em palavras formadas com prefixos 'pré-', 'pró-' e 'pós-' + palavras que tem significado próprio: pré-natal, pró-desarmamento, pós-graduação. Em palavras formadas pelas palavras 'além', 'aquém', 'recém', 'sem': além-mar, além-fronteiras, aquém-oceano, recém-nascidos, recém-casados, sem-número, sem-teto.		
Obs: em prefixos terminados por 'l', permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada pela mesma letra: hiper-realista, hiper-requisitado, hiper-racional, inter-racial, inter-regional, inter-relação, super-racional, super-realista, super-resistente etc.			Não existe mais hífen	Exemplos	Exceções
				lão de guarda, fim de semana, café com leite, pão de mel, sala de jantar, cartão de visita, cor de vinho, a vontade, abaixo-mesa, ao-deus-dará, à queima-roupa etc., acerca de etc.	lão-de-guarda, fim-de-semana, café-com-leite, pão-de-mel, sala-de-jantar, cartão-de-visita, cor-de-vinho, a-vontade, abaixo-mesa, ao-deus-dará, à-queima-roupa etc.

ANEXO 2

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

PROVA DE PORTUGUÊS – 3º TRIMESTRE – 6º ANO

1. Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em ões (cf: botão/botões):

- (a) balão, irmão, tubarão
- (b) eleição, canção, opinião
- (c) confissão, nação, cristão
- (d) limão, cidadão, pagão
- (e) questão, alemão, operação

2. Assinale a alternativa em que está correta a formação do plural:

- (a) cadáver – cadáveres;
- (b) gavião – gaviães;
- (c) fuzil – fuzíveis;
- (d) mal – maus;
- (e) atlas – os atlas.

3. Assinale o substantivo que não faz o plural da mesma forma que “balão”:

- (a) vulcão
- (b) irmão
- (c) questão
- (d) leão
- (e) razão

4. Indique a alternativa que apresenta erro na formação do plural:

- (a) sol: sóis; fúsil: fúseis; anão: anões;
- (b) peão: peões; guardião: guardiões;
- (c) caráter: caracteres; corrimão: corrimãos; mel: méis;
- (d) sótão: sótãos; álcool: álcoois; cônsul: cônsules;
- (e) faisão: faisães; anil: anis; capitão: capitães.

5. A flexão do número incorreta é:

- (a) tabelião - tabeliães.
- (b) melão - melões.
- (c) ermitão - ermitões.
- (d) chão - chãos.
- (e) catalão - catalões.

6. Qual o plural incorreto?

- (a) Cidadão - cidadãos
- (b) Cônsul - cônsules
- (c) Projétil - projetis
- (d) Corrimão - corrimões
- (e) Sermão - sermões

7. A palavra PASTÉIS é acentuada porque é:

- (a) Uma paroxítona terminada em ditongo.
- (b) Uma oxítona terminada em “I”.
- (c) Uma oxítona terminada em ditongo.
- (d) Uma paroxítona terminada em “S”.
- (e) Nenhuma das alternativas está correta.

8. Conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa as palavras PLATEIA, COLMEIA e HEBREIA não recebem mais acento porque são:

- (a) Paroxítonas terminadas em “A”.
- (b) Oxítonas terminadas em “A”.
- (c) Oxítonas que possuem ditongo aberto.
- (d) Paroxítonas que possuem ditongo aberto.
- (e) Nenhuma das alternativas está correta.

9. Conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa as palavras BAIUCA, FEIURA e CAUILA não recebem mais acento porque são:

- (a) Paroxítonas terminadas em “A”.
- (b) Oxítonas terminadas em “A”.
- (c) Oxítonas que possuem ditongo aberto.
- (d) Paroxítonas que possuem ditongo aberto.
- (e) Possuem ditongo antes do hiato.

10. Assinale a alternativa em que o hífen é utilizado de acordo com as regras do Novo Acordo Ortográfico:

- (a) contra-regra
- (b) tele-entrega
- (c) auto-escola
- (d) co-autor
- (e) ante-sala

11. Assinale a alternativa em que ainda devemos usar o acento diferencial conforme o Novo Acordo Ortográfico:

- (a) pára (verbo) para (preposição)
- (b) pôr (verbo) por (preposição)
- (c) péra (substantivo) pera (preposição)
- (d) pêlo (substantivo) pelo (preposição)
- (e) péla (verbo) pela (preposição)

12. Conforme o Novo Acordo Ortográfico o alfabeto agora será formado por:

- (a) 23 letras
- (b) 24 letras
- (c) 25 letras
- (d) 26 letras
- (e) 27 letras

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

PROVA DE RECUPERAÇÃO DE PORTUGUÊS – 3º TRIMESTRE – 6º ANO

1. Passe os substantivos a seguir para o plural:

- Balão _____ Cristão _____
- Irmão _____ Limão _____
- Tubarão _____ Cidadão _____
- Eleição _____ Pagão _____
- Canção _____ Questão _____
- Opinião _____ Alemão _____
- Confissão _____ Operação _____
- Nação _____ Gavião _____
- Corrimão _____ Chão _____
- Sermão _____ Catalão _____
- Melão _____ Tabelião _____
- Faisão _____ Ermitão _____
- Sótão _____ Capitão _____
- Órgão _____ Peão _____
- Razão _____ Anão _____
- Vulcão _____ Guardião _____
- Cadáver _____ Mel _____
- Ator _____ Cônsul _____
- Repórter _____ Anil _____
- Colher _____ Barril _____
- Mulher _____ Perfil _____
- Fuzil _____ Combustível _____
- Fusível _____ Caracol _____
- Mal _____ Coronel _____
- Mau _____ Lençol _____
- Sol _____ Anzol _____
- Fúsil _____ Farol _____

2. Faça um círculo nas palavras que não são mais acentuadas conforme as novas regras do Acordo Ortográfico:

- PASTÉIS - PÔR (VERBO) - PÉRA (SUBSTANTIVO)
- PÁRA (VERBO) - CHAPÉU - SAÚDE - SAÍDA - CÉU
- BAIUCA - HEBREIA - FEIURA - COLMEIA - BAÚ
- PLATEIA - CAUILA - HERÓICO - HERÓI - JIBÓIA
- PÊLO (SUBSTANTIVO) - PÉLA (VERBO) - CHEIUME
- PINCÊIS - FAÍSCA - HORÁRIO - HISTÓRIA - JÓIA
- ASSEMBLÉIA - RESERVATÓRIO - CONSULTÓRIO -
- VÔO - LÊEM - FERDÔO - CRÊEM - REFÊM - AMÉM

3. A Nova Ortografia estabelece regras para a utilização do hífen, agora observe os prefixos e as palavras a seguir, depois escreva corretamente as palavras formadas com a junção desses elementos:

- Inter + relação _____
- Ante + sala _____
- Contra + regra _____
- Pan + americano _____
- Pós + graduação _____
- Co + ordenação _____
- Co + autor _____
- Co + diretor _____
- Tele + entrega _____
- Micro + ondas _____
- Micro + ônibus _____
- Auto + ajuda _____
- Auto + escola _____
- Ex + presidente _____
- Vice + governador _____
- Anti + social _____
- Anti + inflamatório _____
- Arqui + inimigo _____
- Arqui + rival _____
- Anti + herói _____
- Além + mar _____
- Circum + navegação _____
- Pró + desarmamento _____
- Pré + escola _____
- Super + homem _____
- Para + brisa _____